

Médicos e pajés se unem no Xingu

MARTHA SAN JUAN FRANÇA

SÃO PAULO — A cultura dos pajés, passada de geração a geração para os iniciados, é pouco conhecida pela Medicina. Isso não impede, no entanto, que um grupo de médicos da Escola Paulista de Medicina (EPM), um dos mais tradicionais redutos da ciência alopática do país, realize um trabalho com os curandeiros indígenas.

Grças a um convênio com a Fundação Nacional do Índio (Funai), esses médicos tratam da saúde dos 17 grupos indígenas que vivem no Parque do Xingu, no norte do Mato Grosso, sem entrar em conflito com as práticas médicas tribais.

Os doutores brancos entram em ação quando a medicina indígena parece não dar resultados, o que costuma ocorrer quando a doença foi adquirida pelo contato com garimpeiros e pecuaristas, como é o caso da malária e da tuberculose. As vezes, explica o médico sanitário Renato Spindel, o próprio pajé se recusa a tratar de algum paciente e o transfere para os médicos.

O contrário também ocorre,

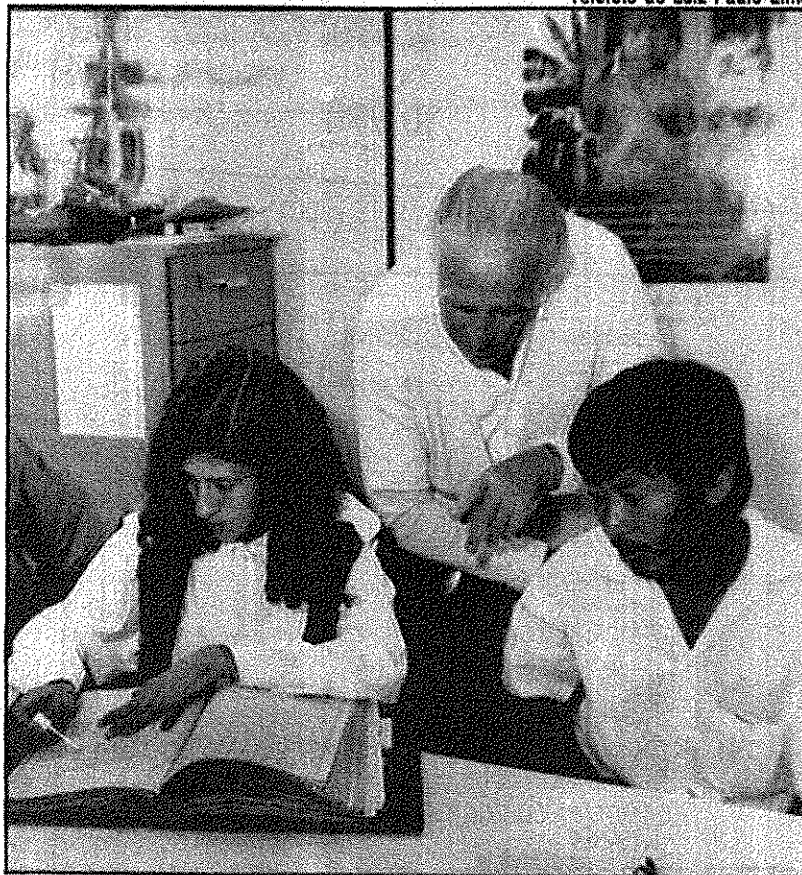
diz o Chefe do Departamento de Medicina Preventiva da EPM, Roberto Baruzzi. Há doenças que só podem ser tratadas pelos curandeiros índios porque têm relação com a cultura das tribos. Ele lembra o caso de uma mulher jovem que parecia paralisada e sem reflexos e que não respondia ao tratamento convencional.

Encaminhada ao pajé, ela submeteu-se a um tratamento que incluía cerimoniais e beberragens. Horas depois, diz Baruzzi, ela estava passando tranqüilamente pela aldeia. Ele nunca descobriu o que a perturbou.

Segundo Baruzzi, não adianta analisar a composição das plantas usadas pelos curandeiros indígenas fora do contexto ritual. É preciso saber manejá-las para entender sua eficácia, explica.

A biomédica Elaine Elisabethsky, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, comprovou isso na prática ao tentar analisar em testes laboratoriais a planta *Eriosema crinitum*, usada pelos índios como sonífero. Depois de fazer todos os testes, Elaine não conseguiu descobrir nada que explicasse esse efeito.

Telefoto de Luiz Paulo Lima



O médico Roberto Baruzzi (de pé) coordena o projeto do Parque do Xingu

Sabedoria milenar está se perdendo

SÃO PAULO — A informação que os velhos pajés possuem das espécies de plantas tropicais está se perdendo. Os jovens não estão interessados em absorver esse conhecimento, diz Elaine Elisabethsky. Ela é uma das poucas cientistas brasileiras dedicada à etnobotânica, a ciência que estuda o reservatório medicinal contido nas florestas tropicais.

Raramente, alerta Elaine, o trabalho junto aos índios procura respeitar a cultura das tribos. Nesse ponto, diz ela, a atividade dos médicos da Escola Paulista de Medicina é exemplar.

A antropóloga Raquel Trajber, que trabalha com grupos indígenas do Norte do País, acredita que a enorme e inexplorada fonte medicinal das plantas tropicais só poderá ser aproveitada se os cientistas souberem manejá-la como as populações nativas. Um curandeiro de uma tribo da Amazônia, por exemplo, costuma usar mais de 100 espécies diferentes de plantas.